

# Lênin e a Crítica ao Chauvinismo

Jefferson Rodrigues Barbosa

**Como citar:** BARBOSA, J. R. Lênin e a Crítica ao Chauvinismo. *In* : DEO, A.; MAZZEO, A. C.; ROIO, M. D. (org.). **Lenin** : teoria e prática revolucionária. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.199-221. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-680-0.p199-221>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## LÊNIN E A CRÍTICA AO CHAUVINISMO

*Jefferson Rodrigues Barbosa*

A expressão chauvinismo começou a ser utilizada com maior ênfase por lideranças “socialistas revolucionárias”, como distinguiu Vladimir Ilitch Lênin, para o embate e polemização, na crítica ao nacionalismo que permeava as tendências políticas em disputa na Europa nas primeiras décadas do século XX. A expressão já era utilizada desde o século XIX, como sinônimo de patriotismo e devoção à nação.

Os fundamentos ideológicos do chauvinismo enquanto modalidade de um pensamento regressivo de direita tem como marca, segundo Vizentini (2000) pressupostos débeis, como o patriotismo, e a crença de uma “comunidade nacional” ameaçada pelo inimigo estrangeiro”.

Os textos de Lênin revelam como a referida expressão era articulada nas suas análises de conjuntura proporcionando fundamentos que sugerem, segunda a interpretação aqui defendida, que o termo nos seus escritos ganha conotações de uma potencial categoria de análise, sob perspectiva de fundamentos históricos, da teoria da luta de classes e de uma crítica da economia política, revelada no real conteúdo das consequências da forma do nacionalismo em questão; a espoliação colonial, a apologia à guerra e, a cooptação dos trabalhadores para a colaboração de classes, sob o estandarte do apelo patriótico.

Na utilização do termo, já presente nos debates da imprensa operária e dos círculos socialistas, as formulações de Lênin associam também a crítica ao chauvinismo com a necessidade de mobilização e organização da luta contra a influência do nacionalismo entre os trabalhadores. Estratégia esta que mobilizaria a partir daquele período o antifascismo como umas das proposições fundamentais no espectro da esquerda, como estabelecido nas diretrizes do Congresso de Basileia, de 1912 e no VI Congresso da Internacional Comunista de 1928, como será apontado a seguir.

O chauvinismo do século XX era identificado nos escritos de Lênin, como práxis manipulatória, como uma ideologia de mobilização e legitimação da guerra sob o apelo da “defesa nacional”. Com novas determinações, a análise de seus textos entre 1913 a 1918, fundamenta o conceito em questão como central para compreensão de ideologias legitimadoras da corrida imperialista, dos países proeminentes na corrida armamentista e na busca de territórios para exploração.

O verbete “Chauvinismo”, no *Dicionário Crítico de Pensamento de Direita* (VIZENTINI, 2000) é interessante ao apresentar a construção genética do termo, onde este é identificado como forma de nacionalismo exacerbado. Segundo o pesquisador brasileiro Paulo Vizentini, o termo tem origem na França do período Napoleônico, e faz referência a um suposto soldado caracterizado como portador de um patriotismo fanático e de extrema fidelidade a Napoleão I.

A referência a Chauvin tornou-se um estigma de nacionalismo ingênuo e de orgulho nacional exacerbado. A popularização do termo deve-se a peças teatrais do início do século XIX que consagraram a imagem do chauvinismo como forma de patriotismo extremado e beligerante:

O termo chauvinismo teve sua origem na França, tendo como base a atitude nacionalista extremada manifestada por Nicolas Chauvin, um soldado dedicado e corajoso que lutou no exército no período revolucionário e napoleônico. Suas ingênuas manifestações denotavam um patriotismo fanático e uma fidelidade absoluta ao Imperador Napoleão I. Sua figura foi, posteriormente, popularizada pelas peças teatrais de A. Scribe, *Le soldat laboureur*, e dos irmãos Gogniard, *La cocard tricolore, épisode de la guerre d'Alger* (1831). Esta última, de grande sucesso durante o reinado de Louis-Philippe, constituía uma espécie de sátira ao nacionalismo extremado dos bonapartistas e de seus sucessores. A partir de então, o termo foi incorporado pela literatura e pela ciência

política como sinônimo de orgulho nacional exacerbado e cego. O patriotismo fanático denotava opiniões simplistas, ignorantes e estreitas, tanto sobre os demais povos, encarados com desconfiança e desprezo, quanto em relação aos conterrâneos, que tinham suas “virtudes” destacadas e exageradas. Em fins do século XIX, o termo chauvinismo passou a ter uma conotação explicitamente pejorativa por parte dos políticos socialistas, anarquistas e democratas, anticlericais e até liberais, como forma de denúncia de seus adversários de direita e extrema direita, bem como de certos argumentos justificadores da arrogância colonialista. [...] (VIZENTINI, 2000, p. 85).

No período entre as duas guerras mundiais a referida expressão foi instrumentalizada para a crítica aos discursos nacionalistas que eram utilizados para convencer os trabalhadores europeus para o apoio de seus respectivos países na guerra primeira Guerra Mundial:

Durante a fase que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, o termo, que havia sido empregado em um sentido relativamente satírico a respeito de um fenômeno considerado mais prosaico do que perigoso, começa a referir-se a uma realidade sombria. A exaltação patriótica foi habilmente utilizada pela direita, chegando mesmo a influenciar setores da esquerda, como o *osocial-patriotismo*, o que levou as classes trabalhadoras a apoiar majoritariamente seus respectivos governos na Grande Guerra, desferindo um duro golpe na II Internacional. No século XX, o termo associou-se ainda mais às novas formas de nacionalismo extremado, como o nazi-fascismo, entre outras correntes políticas. As manifestações de chauvinismo também espalharam-se por outras regiões do mundo, geralmente vinculando-se a outras formas antidemocráticas (mas não exclusivamente), antiindividualistas, e antiinternacionalistas. O chauvinismo tem explorado a dimensão exclusivamente nacional [...] (VIZENTINI, 2000, p. 85).

No sentido de caracterização de um novo tipo de nacionalismo, como fundamento ideológico da etapa imperialista do capitalismo, as ideologias chauvinistas justificavam a corrida por territórios e a corrida armamentista no contexto da Primeira Guerra Mundial. Este apelo à exaltação patriótica influenciou inclusive setores da socialdemocracia européia, o que colaborou para que setores da classe trabalhadora apoiassem seus respectivos governos na guerra iniciada em 1914, influenciados por líderes da II Internacional, cooptados pelo reformismo e pelo nacionalismo.

A particularidade do chauvinismo pode ser interpretada nas formulações e valores de apelo ao “espírito de unidade nacional” para uma guerra defensiva entre os países imperialistas.

Num momento da maior importância histórica mundial, a maioria dos dirigentes da atual, da Segunda (1889-1914) Internacional Socialista tenta substituir o socialismo pelo nacionalismo. Devido à sua conduta, os partidos operários destes países não se opuseram à conduta criminosa dos governos, mas chamaram a classe operária a *fundir* a sua posição com a posição dos governos imperialistas. Os dirigentes da Internacional cometeram uma traição em relação ao socialismo, votando a favor dos créditos de guerra, repetindo as palavras de ordem chauvinistas («patrióticas») da burguesia dos «seus» países, justificando e defendendo a guerra, entrando nos ministérios burgueses dos países beligerantes, etc, etc. Os dirigentes socialistas mais influentes e os órgãos da imprensa socialista mais influentes da Europa contemporânea adotam um ponto de vista burguês-chauvinista e liberal, de forma alguma socialista. (LENIN, 1914).<sup>1</sup>

Violência é a palavra utilizada por muitos pesquisadores para descrever o ambiente de agitação e mobilização política nos principais países da Europa, no contexto das primeiras décadas do século XX, período que Hobsbawm (1995) denominou “era dos extremos”.

Eve Rosenhaft, em “Beating in fascists” (2008), ressaltou o ambiente do que ela denominou “violência política” e destacou em suas palavras “o vigor e a tenacidade com que os comunistas levaram as suas ‘batalhas pelas ruas’, em referência a situação da Alemanha.

O referido livro apresenta uma importante contribuição para o estudo da influência chauvinista entre os trabalhadores alemães na perspectiva história da luta antifascista europeia. Luta esta que estava sendo inaugurada naquele período de forma explosiva, também em país como França, Hungria e, até mesmo, além da Europa, em países da América, como no Brasil.

A violência era a tônica na Alemanha e Itália e para evidenciar o ambiente de radicalização política e de mobilização do período é inte-

---

<sup>1</sup> LENIN, V. I. A guerra e a social-democracia na Rússia. 1914. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2011. O texto citado faz parte LENIN, V. I. *Obras escolhidas*. 5. ed. Lisboa: Edições Avante!; Moscou: Edições Progresso, 1984a.

ressante, antes das referências propriamente aos textos de Lênin, algumas referências sobre a experiência das *Freikorps* na Alemanha e dos *Fasci Italiani di Combattimento* na Itália.

Principalmente nas cidades como, por exemplo, Berlin, as táticas de autodefesa dos comunistas evidenciavam o clima de tensão dos confrontos, e utilização de táticas de guerra civil. Por exemplo, no enfrentamento dos militantes do KPD com os nacional-socialistas, com maior intensidade, a partir de 1920, no contexto da República de Weimar. Assim como na Itália, como descrevem Palmiro Togliatti e Antonio Gramsci. Este último em seus textos da imprensa operária e em escritos do período de cárcere, organizados por Enzo Santarelli (1979).

Palmiro Togliatti (1978) apontou a necessidade do confronto tático como estratégia de ação direta na luta antifascista:

Nosso partido não prestou suficiente atenção a estas palavras, as últimas que o camarada Lênin nos endereçou, e que exprimiam de modo bastante conciso a ideia de que apenas um amplo trabalho de massa, a luta consequente do partido e a combinação do trabalho ilegal com o trabalho legal podem colocar em xeque os bandos fascistas e impedir, em particular, a infiltração da influência fascista em algumas camadas de trabalhadores. [...] Mas parece-me que o essencial é isto: o nosso partido não compreendeu inteiramente e em tempo oportuno que a instauração de uma ditadura fascista totalitária exige da parte da vanguarda comunista, não a restrição da amplitude de sua ação política, mas a extensão dessas; a vanguarda deve fazer política corajosamente, sem dar trégua ao inimigo, perseguindo-o e combatendo-o em todos os terrenos. (TOGLIATTI, 1978, p. 130-131).

No contexto de 1918 na Alemanha, em oposição aos socialistas-revolucionários, sobretudo o Partido Social Democrático Independente e a Liga Spartacus, ocorreram formações e mobilizações de tropas do governo com o auxílio de voluntários de direita formando as denominadas *Freikorps*.

A República de Weimar sofreu uma tentativa de golpe entre 1919 e, efetivamente, em 1920, com a complacência dos militares, liderados pelos generais von Kapp e Lüttwitz. Diante do quadro de suplantação da legalidade institucional os levantes organizados por socialdemocratas

independentes e comunistas em diversas cidades tentaram responder à tentativa de golpe com greves e mobilização de trabalhadores. Sobretudo, o espírito combativo era influenciado pelo êxito dos socialistas revolucionários russos de 1917.

As Freikorps, assim como as milícias do *Fasci Italiani di Combattimento*, eram compostas de milhares de soldados que retornaram da Guerra em 1918 e que foram mobilizados por agrupamentos chauvinistas existentes no período, para o combate aos comunistas. Cujo exemplo pode ser observado no Partido dos Trabalhadores da Alemanha de Aston Drexler, que teve como membro já em 1919 o famigerado combatente da Primeira Guerra, que lançaria depois de alguns anos um livro, cujo título original era: “Quatro anos e meio de luta, contra mentiras, estupidez e covardia”, título alterado pelos editores para maior vendagem para “Minha Luta”.

A repressão aos trabalhadores fortaleceu a formação e mobilização de organizações paramilitares que prestaram serviços ao governo republicano, com apoio de parte da socialdemocracia, diante do quadro de instabilidade. Sendo as Freikorps apoiadas pelo Ministro da Defesa Gustav Noske e utilizadas para derrotar a Liga Spartacus e assassinar seus líderes Liebnecht e Luxemburgo. Após a derrota da tentativa de golpe na República de Weimar, Rosenhaft (2008, p. 3) aponta o contexto de confrontos entre os opositores e “a violência e agitação anti-republicana” e afirma que “os grupos mais profundamente envolvidos neste tipo de luta foram organizações paramilitares (ROSENHAFT, 2008, p. 3) de vários partidos”.

Como foi apontado nos textos de Lênin, escritos entre 1913 e 1918, analisados nesta investigação, o nacionalismo era um dispositivo ideológico para a colaboração de classes no contexto de guerra e violência. Estes aspectos são evidenciados nos textos “A classe operária e a questão nacional (1913)”, “A Guerra e Social Democracia na Rússia (1914)”, “A situação e as tarefas da Internacional Socialista (1914)”, “O oportunismo e a falência da II Internacional (1916)” e “O socialismo e a guerra (1918)”.

O chauvinismo é entendido por Lênin como forma de manipulação dos trabalhadores para o contexto de guerra. Nesse sentido, através de fundamentos lukacsianos, propõem-se a interpretação do chauvinismo

como forma e teleologia secundária, enquanto forma de práxis manipulatória no contexto de luta de classes.

### **LÊNIN, PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A CRÍTICA AS IDEOLOGIAS CHAUVINISTAS**

A utilização da categoria chauvinismo difundida por Vladimir Ilich Lênin, inicialmente, durante o período que antecedeu a Primeira Guerra, foi ampliada na sua utilização e potencial crítico, principalmente no sentido de denuncia das tentativas de cooptação das lideranças da Segunda Internacional, da manipulação dos trabalhadores europeus para apoiar seus respectivos países no conflito.

Em Lênin a expressão ganha conotação potencial para ser compreendida e utilizada como categoria crítica orientada em critérios históricos e alicerçada na perspectiva marxiana da teoria das classes sociais, como apontado. Assim, as análises dos escritos de Lênin são aqui apresentadas para evidenciar a sua contribuição, no desenvolvimento da referida expressão em categoria histórica.

Em maio de 1913, Lênin escreveu em “A classe operária e a questão nacional” (LÊNIN, 1984b), que a política governamental russa e a política dos latifundiários com o apoio da burguesia, estavam impregnadas de nacionalismo, advertindo que esta política se voltava contra a maioria da população de um “país heterogêneo”, onde a burguesia procura corromper os operários com palavras de ordem nacionalistas. Segundo Ilich, sob a perspectiva de uma democracia operária, nenhum privilégio deveria ser dado a nenhuma nação ou minoria nacional no sentido de legitimação de ideologias que defendem a “opressão ou a desigualdade das nações”: “Ao mesmo tempo levanta a cabeça o nacionalismo burguês das outras nações [...] procurando desviar a classe operária, através da luta nacional ou da luta por uma cultura nacional, das suas grandes tarefas mundiais” (LÊNIN, 1984b, p. 99).

A interpretação do chauvinismo enquanto antítese do internacionalismo proletário, enquanto fundamento persuasivo para a aceitabilidade e cooptação dos trabalhadores dos principais países europeus para a guerra imperialista, foi apontada no referido escrito de 1913.



Os trabalhadores, entretanto deveriam, em contraposição a propaganda chauvinista, afirmar os laços de solidariedade e internacionalismo:

Os operários criam em todo o mundo a sua cultura internacional. [...] Ao velho mundo, ao mundo da opressão nacional, das querelas nacionais ou do isolamento nacional, os operários opõe o novo mundo da unidade dos trabalhadores de todas as nações, no qual não há lugar para nenhum privilégio nem para a mínima opressão do homem pelo homem (LÊNIN, 1984b, p. 99).

Lênin no contexto de deflagração da guerra na Europa em 1914 escreveu importantes textos de denúncia do nacionalismo manipulatório naquele primeiro ano de conflito. Como o texto escrito em novembro de 1914 “A situação e as tarefas da Internacional Socialista” (LÊNIN, 1984c). Neste escrito, destaca-se a acusação de que os “representantes oficiais do socialismo europeu” haviam se rendido “a adaptação ao nacionalismo burguês” (LÊNIN, 1984c, p. 171).

No referido texto de 1914 é realizado um balanço da divisão das lideranças da II Internacional na questão do apoio a guerra. Lênin critica Plekhánov, porém, coloca a ressalva que não há unanimidade na socialdemocracia em relação ao discurso de “defesa nacional”, referindo-se aos socialistas franceses. Entre os ingleses, Lênin denuncia que o Partido Socialista Britânico “desembocou completamente para o chauvinismo, tal como a maioria dos dirigentes semiliberais das trade-unions”. Em relação aos alemães, Lênin afirmava que os oportunistas eram vitoriosos e que a ala centrista representada por Kautsky havia também se corrompido, aparentando neutralidade, mas de fato apoiando a guerra. As menções positivas foram direcionadas a atuação de resistência dos socialdemocratas revolucionários. Lênin se refere a Mehring, Pannekoek e Karl Liebknecht.

Na Itália a referência é feita em relação à atuação “dos socialdemocratas revolucionários (o ‘partido socialista’), encabeçado pelo *Avanti!*, lutam contra o chauvinismo e desmascaram o caráter burguês interesseiro dos apelos a guerra [...]” (LÊNIN, 1984c, p. 173).

Em novembro de 1914 escreveu em “A situação e as tarefas da Internacional Socialista”, a denúncia do chauvinismo, como modalidade de nacionalismo burguês e, como consequência, a crítica a colaboração de

classes, como resultado da ideologia e “unidade nacional”. O contexto de guerra leva Lênin a evidenciar o oportunismo dos líderes socialdemocratas na Europa que, segundo ele, haviam colaborado para a formação de uma mentalidade chauvinista entre os trabalhadores, sendo o predomínio dos oportunistas responsável pela cooptação de parte dos trabalhadores e socialistas reformistas, legitimando discursos patrióticos.

Lênin denunciava em seus escritos que o clima de guerra havia revelado “com particular rapidez e agudeza as reais dimensões desse predomínio”, o oportunismo e a acusação de colaboração de classes era direcionada a crítica aos líderes da II Internacional:

O mais penoso na crise atual é a vitória do nacionalismo burguês, do chauvinismo, sobre a maioria dos representantes oficiais do socialismo europeu. Não é por acaso que os jornais burgueses de todos os países hora escarnecem deles, hora os elogiam com condescendência. E não há tarefa mais importante para quem quiser manter-se socialista do que esclarecer as causas da crise socialista e analisar as tarefas da internacional. Há pessoas que receiam em reconhecer a verdade de que a crise, ou mais exatamente a falência, da II Internacional é a falência do oportunismo. [...] A defesa da colaboração das classes, a renúncia à ideia da revolução socialista e aos métodos revolucionários de luta, a adaptação ao nacionalismo burguês, o esquecimento do carácter historicamente transitório das fronteiras da nacionalidade ou da pátria, a transformação da legalidade burguesa num fetiche, a recusa do ponto de vista de classe e da luta de classe com receio de afastar as “amplas massas da população” (leia-se: a pequena burguesia) – Tais são indubitavelmente as bases ideológicas do oportunismo. Foi precisamente neste terreno que cresceu a atual mentalidade chauvinista, patriótica, da maioria dos chefes da II Internacional. (LÊNIN, 1984c, p. 171-172).

A defesa da concepção de que “os operários não têm pátria” foi retomada como pressuposto fundamental do internacionalismo dos trabalhadores para que se antagonizem aos apelos patrióticos. Lênin lembra que as noções de nacionalidade e pátria são “formas necessárias do sistema burguês”. O sistema socialista deve engendrar formas superiores de organização social que superem os limites da concepção do “velho quadro da pátria”:

A questão da pátria – responderemos nós aos oportunistas – não pode ser colocada ignorando o carácter histórico concreto da guerra atual. É uma guerra imperialista isto é, uma guerra da época do capitalismo

mais desenvolvido, a época do *fim* do capitalismo. A classe operária deve primeiro (constituir-se a si mesmo como nação) diz o *Manifesto Comunista*, indicando em que *limites e condições* nós reconhecemos a nacionalidade e a pátria, como formas necessárias do sistema burguês e também, por conseguinte, a pátria burguesa. [...] E acerca desta época, acerca das tarefas do proletariado na luta pela destruição não do feudalismo, mas do capitalismo, o Manifesto Comunista diz clara e definitivamente: “os operários não tem pátria”. [...] O movimento socialista não pode vencer no velho quadro da pátria ele cria formas novas, superiores, da convivência humana, em que as necessidades legítimas e as aspirações progressistas das massas trabalhadoras de qualquer nacionalidade serão, pela primeira vez, satisfeitas em unidade internacional, como a abolição das atuais fronteiras nacionais. Às tentativas da burguesia contemporânea de dividir e desunir os operários através das referências hipócritas à “defesa da pátria”, os operários conscientes responderão com novas e repetidas tentativas para criar a unidade dos operários das diferentes nações na luta pelo derrubamento da burguesia de todas as nações. (LÊNIN, 1984c, p. 174).

A estratégia de Lênin, já em desenvolvimento em 1914 em suas análises de conjuntura, é que a guerra imperialista deveria ser transformada em guerra civil, como afirmava a estratégia deliberada nas resoluções do Congresso Basileia<sup>2</sup>. No referido escrito de novembro de 1914 são lançadas as bases de uma conclamação da necessidade de utilização da estratégia de guerra civil diante da explosão das guerras nacionais. Seria o papel do que Lênin denomina de “uma linha de trabalho” comum entre socialdemocratas revolucionários, com ele denomina no período a ala esquerda da socialdemocracia:

Não votar os créditos de guerra, não tolerar o chauvinismo do “seu” país (e dos países aliados), combater em primeiro lugar o chauvinismo da “sua” burguesia, não se limitar as formas legais de luta quando surgiu uma crise e a própria burguesia anulou a legalidade por ela criada – tal é a *linha* de trabalho que *conduz* a guerra civil e que a ela conduzirá num ou noutro momento da conflagração européia. (LÊNIN, 1984c, p. 175).

---

<sup>2</sup> “Resolução de Basileia: manifesto sobre a guerra aprovado em 25 de novembro de 1912 no Congresso Socialista Internacional extraordinário realizado em Basileia. O congresso foi convocado para decidir a questão da luta contra o perigo da guerra imperialista mundial. O manifesto aprovado pelo congresso revelava os objetivos de pilhagem da guerra em preparação pelos imperialistas e chamava os operários de todos os países a travar uma luta decidida pela paz, contra a ameaça de guerra. Em caso de eclosão de uma guerra imperialista, o manifesto recomendava aos socialistas que utilizassem a crise econômica e política criada pela guerra para lutar pela revolução socialista.” (LÊNIN, 1984c, p. 435).

No escrito de 1914, “A Guerra e a Social-Democracia na Rússia” (LENIN, 1984a), o líder bolchevique denunciou a cooptação dos principais partidos da socialdemocracia europeia, assim como, as justificativas aparentemente patrióticas e alienantes de participação no conflito militar internacional, em benefício dos interesses dos grupos hegemônicos, sob o mito de “defesa da pátria” e em detrimento da organização classista dos trabalhadores<sup>3</sup>.

A Guerra e a Socialdemocracia da Rússia foi um dos primeiros escritos de Vladimir Lênin a instrumentalizar a expressão chauvinismo, enriquecendo-a com novas determinações e para o desenvolvimento enquanto categoria de análise, com mediações para a análise de explicação acerca das formas de metamorfose das ideologias de direita, sobretudo a sua função social, em conjunturas de crise:

[...] desviar a atenção das massas trabalhadoras das crises políticas internas da Rússia, Alemanha, Inglaterra e de outros países, a desunião e o entontecimento nacionalista dos operários e o extermínio da sua vanguarda com o objetivo de debilitar o movimento revolucionário do proletariado — tal é o único real conteúdo, significado e sentido da atual guerra. (LENIN, 1984a).

Para Lênin a tarefa dos bolcheviques era esclarecer aos trabalhadores sobre as causas reais da propaganda patriótica: a guerra por territórios e mercados, a evidência desta orientação materializada na corrida armamentista entre países imperialistas:

Sobre a socialdemocracia recai antes de mais nada o dever de revelar este verdadeiro significado da guerra e desmascarar implacavelmente a mentira, os sofismas e as frases «patrióticas» difundidas pelas classes dominantes, pelos latifundiários e pela burguesia em defesa da guerra. (LENIN, 1984a).

---

<sup>3</sup> “O manifesto A Guerra e a Social-Democracia da Rússia foi o primeiro documento oficial do CC do POSDR que exprimiu a posição do partido bolchevique em relação à guerra mundial imperialista que se tinha iniciado. O manifesto teve ampla difusão na Rússia e no estrangeiro. Como documento oficial que expunha a posição do POSDR em relação à guerra, o manifesto foi enviado para o Bureau Socialista Internacional (órgão executivo da II Internacional - ver a nota n° 186) e para alguns jornais socialistas de Inglaterra, Alemanha, França, Suécia e Suíça. Por instrução de V. I. Lênine, o manifesto do CC do POSDR foi enviado à conferência dos socialistas dos países neutrais.” (LENIN, 1984a. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2011).

O chauvinismo apresentava-se para Lênin no contexto pré-guerra como uma forma reativa e particular de fundamentação de valorização nacionalista como concepção ideológica instrumental para sedimentação de valores e crenças que proporcionassem a adesão da população dos países imperialistas europeus para guerras. O nacionalismo de caráter chauvinista foi aplicado como manifestação antagônica, defensiva e reificada de contraposição ao internacionalismo dos trabalhadores:

Mas para enganar o proletariado e desviar a sua atenção da única guerra verdadeiramente libertadora, isto é, da guerra civil contra a burguesia tanto do «seu» país como dos países «alheios», para atingir este elevado fim a burguesia de cada país procura exaltar com frases falsas sobre patriotismo o significado da «sua» guerra nacional e assegurar que aspira a vencer o inimigo não para a pilhagem e a conquista de terras, mas para «libertar» todos os outros povos salvo o seu. Mas quanto mais zelosamente os governos e a burguesia de todos os países procuram desunir os operários e lançá-los uns contra os outros, quanto mais ferozmente é empregado para este elevado fim o sistema do estado de guerra e da censura militar (que persegue muito mais, mesmo agora, durante a guerra, o inimigo «interno» do que o externo), tanto mais imperioso é o dever do proletariado consciente de defender a sua coesão de classe, o seu internacionalismo, as suas convicções socialistas, contra o chauvinismo desenfreado da clique «patriótica» burguesa de todos os países. Renunciar a esta tarefa por parte dos operários conscientes significará renunciar a todas as suas aspirações libertadoras e democráticas, sem falar já das socialistas. (LENIN, 1984a).

Para Lênin, em oposição a lógica de adesão a legitimidade “patriótica” para a “guerra defensiva”, presente nas principais lideranças da II Internacional, ele retomava os Manifesto de 1848; “os operários não tem Pátria”:

Os oportunistas fizeram fracassar as decisões dos congressos de Stuttgart, de Copenhague e de Basileia, que obrigavam os socialistas de todos os países a lutar contra o chauvinismo em todas e quaisquer condições, que obrigavam os socialistas a responder a qualquer guerra desencadeada pela burguesia e pelos governos com a redobrada propaganda da guerra civil e da revolução social. A bancarrota da II Internacional é a bancarrota do oportunismo que se desenvolveu sobre a base das particularidades de uma época histórica passada (a chamada época «pacífica») e que nos últimos anos passou a dominar de facto na Internacional. Os oportunistas há muito que preparavam esta bancarrota, negando a revolução socialista e substituindo-a pelo reformismo

burguês; negando a luta de classes e a sua necessária transformação, em determinados momentos, em guerra civil e defendendo a colaboração de classes; pregando o chauvinismo burguês sob o nome de patriotismo e de defesa da pátria e ignorando ou negando a verdade fundamental do socialismo, já exposta no Manifesto Comunista de que os operários não têm pátria [...] (LENIN, 1984a).

Em “O oportunismo e a falência da II Internacional” (LÊNIN, 1984d) escrito em janeiro de 1916, a particularidade da ideologia chauvinista enquanto expressão de uma conjuntura singular, de militarização da sociedade para a subjugação de territórios alheios, sob o estandarte das bandeiras nacionais e discursos patrióticos, é fundamentada, segundo Lênin. A nova conjuntura, em sua singularidade, se distinguiria enquanto um novo contexto de expansão militarista e disputas territoriais entre as nações imperialistas. O chauvinismo enquanto manifestação ideológica de uma nova conjuntura de conflitos demarcava os reflexos superestruturais de uma nova etapa do sistema capitalista que estava suplantando o período de 1789 a 1871, que foi segundo Lênin, à época do capitalismo progressista. Segundo Lênin: “Do reconhecimento de uma guerra como guerra de libertação nacional decorre uma tática, do seu reconhecimento como guerra imperialista decorre outra” (LÊNIN, 1984d, p. 280).

A crítica de traição aos valores do internacionalismo proletário é confirmada na acusação endereçada aos líderes da II Internacional, que mesmo sendo signatários do Manifesto de Basileia, como Kautsky, não haviam se posicionado de forma condenatória em relação ao apoio dos social-democratas alemães em relação a guerra. Segundo Lênin, de acordo com o conteúdo do manifesto a guerra tinha um caráter “espoliador, imperialista e reacionário”, e enfatiza; “o caráter que transforma a admissibilidade da defesa da pátria numa insensatez do ponto de vista teórico num absurdo do ponto de vista prático” (LÊNIN, 1984d, p. 281).

O período de 1789 a 1871 foi a época do capitalismo progressista, em que na ordem do dia da história estava o derrube do feudalismo e do absolutismo, a libertação do jugo estrangeiro. Nesse terreno, e só nele era admissível a “defesa da pátria”, isto é, a defesa contra a opressão. Este conceito poderia ainda hoje ser aplicado a uma guerra contra as grandes potências imperialistas, mas seria absurdo aplicá-lo à guerra entre as grandes potências imperialistas, à guerra na qual se trata de

saber quem pilhará mais os países balcânicos, a Ásia Menor, etc. Não é por isso de espantar que os “socialistas” que reconhecem a “defesa da pátria” na presente guerra evitem o manifesto da Basileia como o ladrão evita o lugar do roubo. É que o manifesto demonstra que eles são sociais-chauvinistas, isto é, socialistas em palavras e chauvinistas na realidade, que ajudam a “sua” burguesia a pilhar países estrangeiros, a subjugar outras nações. O que é essencial na noção de “chauvinismo” é a defesa da “sua” pátria mesmo quando as ações desta visam escravizar as pátrias alheias. (LÊNIN, 1984d, p. 280).

Lênin, afirmava que os partidos socialdemocratas da Europa estavam prestando um serviço a burguesia e que setores da socialdemocracia alemã já haviam diagnosticado que seria perigoso se a socialdemocracia se deslocasse ainda mais para a direita, advertindo que se a imagem de um partido socialista não fosse mantida naquele período, no dia em que os socialdemocratas renunciassem esta identificação, surgiria um partido que adotaria um programa político radicalizado. A referência citada por Lênin é da revista *Preussische Jahrbücher*, de abril de 1915:

Um dos membros da socialdemocracia alemã, que publicou em abril de 1915, sob o pseudônimo de Monitor, um artigo na revista reacionária-*Preussische Jahrbücher*, exprime com uma franqueza digna de agradecimento as concepções desses oportunistas em todos os países do mundo. Monitor considera que seria para a burguesia muito perigoso que a social-democracia se deslocasse ainda mais para a direita: “Ela deve manter o caráter de partido operário com ideais socialistas. Porque no dia em que ela renunciar a isso, surgirá um novo partido, que adotará o velho programa do partido anterior e lhe dará uma formulação ainda mais radical (*Preussische Jahrbücher*, 1915, n. 4, p. 50-51)”. (LÊNIN, 1984d, p. 285).

Com o início da Primeira Guerra Mundial e a cooptação de importantes lideranças da II Internacional Comunista se intensificou a antagonização entre socialistas revolucionários e socialistas reformistas, Lênin foi um dos principais formuladores da crítica a estratégia de propaganda patriótica que estava sendo lançada aos trabalhadores europeus.

O apoio dos principais partidos socialdemocratas da Europa ocidental a entrada de seus respectivos países no conflito levou Lênin a instrumentalizar a expressão chauvinismo com novas determinações históricas

relacionadas ao papel do nacionalismo como fundamento burguês para legitimação da corrida imperialista, como evidenciado nos seus escritos do período da Primeira Guerra Mundial, aqui selecionados.

A brochura “O socialismo e a guerra” (LÊNIN, 1984e), concluída em agosto de 1918, aponta com objetividade a necessidade de compreensão, segundo Lênin, das “particularidades históricas da guerra atual”. Segundo ele era necessário distinguir as modalidades de guerra, sendo legítima para ele as guerras civis efetuadas pelas classes oprimidas, as guerras de libertação nacional realizadas por colônias dominadas pelas potências coloniais, ocorrendo neste sentido guerras progressistas. Entretanto, para Lênin, a guerra internacional iniciada em 1914 era um conflito entre frações da burguesia dos países imperialistas europeus.

Nesse sentido, advertia: os “socialistas condenam as guerras entre os povos como coisa bárbara e brutal” (LÊNIN, 1984e, p. 229), assim identificava e analisava a relação entre as guerra e a luta de classes: “[...]É precisamente assim que a atual burguesia, imperialista, mistificaos povos por meio da ideologia “nacional” e do conceito de defesa da pátria na presente guerra [...]” (LÊNIN, 1984e, p. 231).

Com a guinada política transformista das lideranças da II Internacional, como Kautsky, a expressão chauvinismo foi instrumentalizada por Lênin como social-chauvinismo, denominação utilizada então para acrítica aos líderes socialdemocratas que estavam, como apontado, orientando os trabalhadores para o apoio a guerra através da ideia de defesa da nação e proteção da pátria.

No VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscou em 1928, foi aprovada as teses do “Terceiro período do capitalismo internacional”. As teses, de forma esquemática, afirmavam, entre outros pontos, que o período naquele contexto era de relativa estabilidade social e expansão das principais economias capitalistas, onde os trabalhadores comunistas deveriam entrar numa tática defensiva, e centrar sua antagonização com os socialdemocratas (ROSENHAFT, 2008, p. 31).

A expressão chauvinismo nestes referidos textos de Lenin críticos a capitulação de lideranças da II Internacional foi articulada como ter-



mo social-chauvinismo. Assim, social-chauvinismo tornou-se expressão de embate, na crítica aos socialdemocratas cooptados:

O social-chauvinismo é a defesa da ideia de “defesa da pátria” na presente guerra. Dessa ideia decorrem, seguidamente, a renúncia à luta de classes durante a guerra, a votação dos créditos de guerra, etc. De fato, os social-chauvinistas praticam um política antiproletária, burguesa, pois de fato, preconizam não a “defesa a pátria”, no sentido de luta contra a opressão estrangeira, mas o “direito” de tais ou tais “grandes” potencias de pilhar as colônias e de oprimir outros povos. Os social-chauvinistas repetem a mistificação burguesa do povo segundo o qual a guerra é travada pela defesa da liberdade e da existência das nações, e passam assim para o lado da burguesia contra o proletariado. São social-chauvinistas tanto aqueles que justificam e embelezam os governos e a burguesia de um dos grupos de potência beligerantes como aqueles que, a exemplo de Kautsky, reconhecem aos socialistas de todas as potências beligerantes igual direito há “defender a pátria”. O social-chauvinismo que é de facto a defesa dos privilégios, das vantagens, das pilhagens, e das violências da “sua” burguesia (ou de qualquer burguesia em geral) imperialista, constitui uma completa traição a todas as convicções socialistas e à resolução do Congresso Socialistas Internacional de Basiléia. (LÊNIN, 1984e, p. 236-237).

A crítica ao oportunismo da “aristocracia operária” e a sua lógica de colaboração de classes foi ponto essencial da polêmica de Lênin como os apologetas dos ideais de “defesa da pátria”:

O conteúdo ideológico-político do oportunismo e do social-chauvinismo é o mesmo: a colaboração de classes em vez da sua luta, a renúncia aos meios revolucionários de luta, a ajuda ao ‘seu’ governo em situação difícil em vez da utilização das suas dificuldades para a revolução. Se consideramos todos os países europeus no conjunto, se não tivermos em atenção personalidades isoladas (mesmo as de maior prestígio), verificaremos que foi precisamente a *corrente* oportunista que se tornou o principal esteio do social-chauvinismo, e no campo dos revolucionários se ouve por quase toda a parte um protesto mais ou menos consequente contra ele. (LÊNIN, 1984e, p. 240).

As teses do VI Congresso da Internacional Comunista ratificaram a interpretação de Lênin acerca da cooptação e abandono do princípio da luta de classes pela II Internacional e pela aristocracia operária, repre-

sentada pela atuação de líderes sindicais e partidários. Segundo, Rosenhaft (2008, p. 32), a situação de capitulação foi apontada como; “o aburguesamento deliberado da burocracia sindical, a disponibilidade de socialdemocratas no governo a recorrer a instrumentos existentes de repressão, e seu apoio decidido da política externa antissoviética”.

As lideranças cooptadas que ocasionaram a falência da II Internacional foram acusadas, nos escritos de Lênin de “traição ao socialismo” por “migalhas dos lucros obtidos por ‘sua’ burguesia nacional com a pilhagem de outras nações”:

Os socialistas de todo o mundo declararam solenemente em 1912 em Basiléia que consideravam a futura guerra européia como uma empresa “criminosa” e reacionaríssima de todos os governos que devia acelerar a derrocada do capitalismo, gerando inevitavelmente a revolução contra ele. Começou a guerra, começou a crise. Em vez da tática revolucionária a maioria dos partido social-democratas aplicaram uma tática reacionária colocando-se ao lado de seus governos e da sua burguesia. Essa traição ao socialismo significa a falência da II Internacional (1889-1914), e nós devemos aperceber-nos do que causou esta falência, do que gerou o social-chauvinismo, daquilo que lhe deu força. (LÊNIN, 1984e, p. 239).

A análise da conjuntura da sociedade russa ainda sob o domínio czarista no prelúdio da Primeira Guerra realizada por Lênin, no segundo capítulo da brochura “O socialismo e a guerra”, denominado “As classes e os partidos na Rússia”, revela também o apoio da “classe dos latifundiários e as camadas superiores da burguesia comercial-industrial apoiaram a política belicista do governo czarista”. Assim como camadas da média burguesia urbana, de parte da intelectualidade burguesa e de profissionais liberais “foram também contaminadas pelo chauvinismo”, afirmando Lênin que a burguesia liberal russa havia tomado definitivamente o caminho da contrarrevolução. Entre os trabalhadores, Ilich denunciou que até mesmo entre frações do campesinato, seus dirigentes haviam conseguido com a ajuda da imprensa burguesa e do clero “suscitar um estado de espírito chauvinista” (LÊNIN, 1984e, p. 247).

O estudo da correlação de força entre as classes sociais na Rússia no contexto pré-guerra proporciona a Lênin a compreensão de que entre o proletariado russo a conjuntura de grandes mobilizações e greves entre 1905

a 1015 havia desenvolvido, segundo expressão gramsciana, “um espírito de cisão” entre os trabalhadores, que proporcionou uma barreira ideológica contra as tentativas de instrumentalização de um “sentimento patriótico” e de “defesa nacional”; O proletariado é a única classe na Rússia à qual não foi possível inocular os germes do chauvinismo” (LÊNIN, 1984e, p. 248).

Lênin observava uma nova etapa de condições revolucionárias contra a ordem vigente: “Os anos de 1912-1914 foram marcados pelo início de um novo e grandioso ascenso revolucionário na Rússia. De novo assistimos a um grande movimento grevista, sem precedentes no mundo” (LÊNIN, 1984e, p. 249).

A guerra imperialista deveria ser entendida como ocasião propícia para a organização dos trabalhadores. Diante dos conflitos da conjuntura, a guerra imperialista deveria ser direcionada para se transformar em guerra civil dos trabalhadores contra as burguesias nacionais.

O internacionalismo dos trabalhadores está articulado, segundo Lênin com a valoração do direito dos trabalhadores oprimidos a sua autodeterminação:

Um socialista de uma nação que seja uma grande potência ou possua colônias que não defende este direito é um chauvinista [...] Os socialistas das nações oprimidas, por sua vez, devem obrigatoriamente lutar pela completa unidade (incluindo organizativa) dos operários das nações oprimidas e opressoras”. [...] Não pode ser socialista um proletariado que admite a mínima violência da ‘sua’ nação sobre outras nações. (LÊNIN, 1984e, p. 246).

No capítulo terceiro da brochura “O socialismo e a guerra”, Lênin argumenta sobre a necessidade urgente de uma nova Internacional que pudesse depurar os chauvinistas e os centristas (como Kautsky). Utilizando a expressão social-chauvinistas como crítica aos socialdemocratas, Lênin defende que entre os trabalhadores europeus a III Internacional deveria ser organizada sobre bases revolucionárias e, como resultado da necessidade de uma organização de bases internacionalistas, em oposição ao nacionalismo presente entre trabalhadores ludibriados pela propaganda patriótica:

Compreende-se perfeitamente que para tornar realidade uma organização marxista *internacional* é necessário que exista a disposição de criar

partidos marxistas independentes em diversos países” [...] O futuro próximo mostrará se já amadureceram as condições para a criação de uma nova internacional marxista. Se sim, o nosso partido aderirá com alegria a essa III Internacional depurada do oportunismo e do chauvinismo. (LÊNIN, 1984e, p. 258-259).

Os escritos de Lênin entre 1913 a 1918, aqui referenciados, revelam a perspectiva da compreensão das relações entre o reformismo no movimento operário e a adesão ao clamor patriótico, identificando as práticas reformistas da II Internacional no período, como expressão da renúncia do imperativo da construção de uma “sociedade regulada” sob a perspectiva de auto-organização dos trabalhadores e a sua substituição pela política imperialista burguesa e pela lógica de colaboração de classes.

Os textos selecionados apontam as relações entre o chauvinismo como forma de práxis manipulatória na corrida por territórios e para a guerra, formulando assim, os fundamentos explicativos sobre a particularidade da guerra naquele contexto, a distinção dos diferentes tipos de guerras e qual deveria ser a posição dos socialistas sobre este ponto naquela conjuntura. Assim, a guerra imperialista criava potencial contexto de guerra civil, sendo esboçado para este cenário uma teorização acerca do papel dos socialistas revolucionários no contexto de crise e a estratégia de antagonização ao clamor chauvinista sob a perspectiva do internacionalismo dos trabalhadores.

#### **CONSIDERAÇÕES: A PARTICULARIDADE DAS IDEOLOGIAS CHAUVINISTAS COMO PRÁXIS MANIPULATÓRIA COMO FORMA DE TELEOLOGIA SECUNDARIA**

A prévia- ideiação, o planejamento que antecede e dirige a ação, ao ser levada a prática, materializa-se, objetiva-se, propiciando causalidades e novos nexos causais no mundo objetivo. Nesse sentido, a categorização das ideologias chauvinistas como expressões, em sentido lukácsiano, de teleologias secundárias é compreendida aqui enquanto projeção de uma finalidade de ação, gerando novos nexos causais nas disputas e conflitualidades dentro da sociedade civil e da sociedade política.

Um processo de objetivação para ter êxito deve ter por base um efetivo setor da realidade que se pretende influenciar. Assim, as finalidades são sempre socialmente construídas, na lógica lukacsiana compreendida como *intentio recta*, mirando a busca e seleção dos meios que impulsionem a consciência para além de si própria. Entende-se aqui que, nesse sentido, as transformações na esfera do ser social e as novas determinações políticas possibilitaram a reconfiguração e metamorfose de elementos da tradição conservadora transmutada ao chauvinismo das autocracias das primeiras décadas do século XX. Com novas fórmulas organizacionais que se propunham a um projeto político nacionalista, corporativista, centralizado, e fortemente hierárquico, emerge a figura do líder ou do partido, que sustentada através da utilização de técnicas de propaganda modernas que se apresentavam como novas ferramentas políticas para mobilização social. As ações através da propaganda política são mediações que propiciam, possibilidades no agir, mediações estas que ocorrem na consciência e se manifestam nas práticas sociais enquanto fenômenos históricos.

Com o desenvolvimento das novas determinações na esfera do ser social, as relações sociais reificadas, que articulam os homens entre si e com a natureza, assumem uma objetividade própria, elas assumem a aparência de uma segunda natureza. Nessa situação a vida em sociedade recebe determinações que na imediaticidade lhe parecem externas; por exemplo, a concepção das comunidades nacionais como comunidades naturais e o entendimento do indivíduo enquanto componente de um corpo social que precisa ser defendido.

Para Lukács estas concepções são denominadas de ontologias fictícias, tais ontologias fornecem uma compreensão incongruente da esfera social, situando os indivíduos numa determinada relação equivocada com o existente.

As ideologias autocráticas chauvinistas têm a finalidade e a função social de ordenamento em sociedades que experimentam conflitos classistas e contradições inerentes ao funcionamento sistêmico da ordem social do capital. Assim, seguindo os pressupostos de Lukács, estas ideologias são aqui entendidas enquanto *teleologias secundarias*; aquelas voltadas a persuasão de outros indivíduos para que ajam de determinada maneira, influenciando sua visão de mundo, também influenciando sua reprodução social.

A própria existência de ontologias fictícias ao colocarem os problemas relativos às finalidades de existência colabora como fator propiciador de tomada de consciência reificada, na sua dimensão social ocasionando consequências éticas desagregadoras<sup>4</sup>.

A busca de sentidos para a vida em sociedade é um complexo de proposições, que propiciam a origem de novos complexos sociais, expressados em filosofias e ideologias políticas. Como aponta Sérgio Lessa (1996, p. 44), “fazendo uma contraposição com o *intentio recta*, o *intentio obliqua* se constitui enquanto uma interpretação globalizante do existente a partir de uma antropomorfização do ser”, conferindo sentido a uma ordem universal marcada. Como a concepção maniqueísta representada numa interpretação reificada entre nacionalismos de direita e as tendências da esquerda ou entre as disputas entre a preservação das comunidades nacionais contra o internacionalismo marxista. As ideologias autocráticas chauvinistas são uma forma de ontologias fictícias, manifestações ideológicas que servem para tornar conscientes e operativas a práxis social dos homens (LESSA, 1996 p. 52). Nesse sentido, a complexificação das relações sociais propicia origem a complexos sociais específicos que tem a função de regular a práxis social de modo a tornar possível (operativa) a reprodução da sociedade.

Nesse sentido o chauvinismo enquanto práxis manipulatória é uma manifestação ideológica de ordenamento social. Segundo afirmou György Lukács ao referir-se as ideologias:

Se agora e mais tarde falarmos de ideologias em contextos mais amplos, estas não devem ser entendidas no sentido enganoso da palavra (como uma consciência antecipadamente falsa da realidade), mas, assim como Marx as determinou no prefácio de *Para a crítica da economia política*, como formas nas quais os seres humanos se conscientizam desse conflito e o combatem (LUKÁCS, 2010, p. 38).

---

<sup>4</sup> Segundo Sérgio Lessa (1996): “Apenas assinalamos como, nesse contexto, uma interpretação falseada, uma ontologia fictícia, pode jogar um papel fundamental para o desenvolvimento do gênero humano. Normalmente, tal ontologia fornece uma compreensão provisória do cosmos que situa o homem em uma determinada relação com o existente, influenciando o desenvolvimento de sua visão de mundo e, deste modo, também influenciando, mais ou menos diretamente, sua própria reprodução social. A própria existência de uma ontologia fictícia, ao colocar o problema de uma vida plena de sentido, é fator importante para uma tomada de consciência, em escala social, dessa problemática e das suas ressonâncias éticas, morais [...] Esse impulso à constituição de “ontologias fictícias [...] Lukács denomina de *intentio obliqua*. Fazendo uma contraposição com a *intentio recta*, a *intentio obliqua* se constitui enquanto uma interpretação globalizante do existente a partir de uma antropomorfização do ser. A teleologia, categoria puramente social, é estendida a toda natureza, convertendo-se em categoria que confere sentido à ordem universal. A teleologia, de humana e restrita ao ser social, [...]” (LESSA, 1996, p. 41-43).

Assim, as concepções autocráticas chauvinistas representam na perspectiva aqui defendida uma proposição de ordenamento social de intervenção e mobilização marcados por pressupostos de colaboração entre as classes, de forma defensiva sob o fundamento do patriotismo exacerbado para a mobilização social em defesa da ordem.

Neste sentido, os textos de Lênin escritos entre 1913 e 1918, acerca da influência do chauvinismo no contexto europeu de guerra, proporciona entendimento sobre como este é um fundamento autocrático e manipulatório para um contexto de crise. Os escritos de Lênin que fazem referência ao chauvinismo continuam pontuais, em suas dimensões analíticas e estratégicas, diante da conjuntura crise e permanência destes valores regressivos, manifestados de forma pretérita e contemporânea.

## REFERENCIAS

HOBSBAWN, E. Os intelectuais e o antifascismo. In: HOBSBAWN, E. *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 257-314.

HOBSBAWN, E. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LENIN, V. I. A guerra e a social-democracia na Rússia. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1914/09/28.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2011. In: LENIN, V. I. *Obras escolhidas*. 5. ed. Lisboa: Edições Avante!; Moscou: Edições Progresso, 1984a.

LÊNIN, V. I. A classe operária e a questão nacional. 1913. In: LÉNINE, V. I. *Obras escolhidas em seis Tomos*. Lisboa: Edições Avante; Moscou: Edições Progresso, 1984b. t. 2.

LÊNIN, V. I. A situação e as tarefas da Internacional Socialista. 1914. In: LÉNINE, V. I. *Obras escolhidas em seis Tomos*. Lisboa: Edições Avante; Moscou: Edições Progresso, 1984c. t. 2.

LÊNIN, V. I. O oportunismo e a falência a II Internacional, 1916. In: LÉNINE, V. I. *Obras escolhidas em seis Tomos*. Lisboa: Edições Avante; Moscou: Edições Progresso, 1984d. t. 2.

- LÊNIN, V. I. O socialismo e a guerra, 1918. In: LÊNINE, V. I. *Obras escolhidas em seis Tomos*. Lisboa: Edições Avante; Moscou: Edições Progresso, 1984e. t. 2.
- LESSA, Sérgio. *Ontologia de Lukács*. Maceió: Edufal, 1996.
- LUKACS, G. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LUKACS, G. *Lênin*: um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ROSENHAFT, E. *Beating the fascists? The german communists and political violence 1929-1933*. London: Cambridge University Press 2008.
- SANTARELLI, E. *Sobre el fascismo*. México: Ediciones Era, 1979.
- TOGLIATTI, P. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1978.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. Chauvinismo. In: SILVA, F. C. T. et al. *Dicionário crítico de pensamento da direita*: idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2000.